

O mapinguari

Uma figura mitológica conhecida por mapinguari assombra índios e seringueiros da Amazônia, vira assunto até no prestigioso jornal americano *The New York Times* e motivo de expedição científica.

Tudo começou há poucos meses, quando o cacique Kampa Conchare declarou na Casa do Índio, em Rio Branco, AC, que um monstro de presas muito afiadas e fome insaciável devorou pessoas de sua aldeia, no município de Feijó, a 500 quilômetros da capital do Acre. A denúncia, confirmada por caciques das aldeias vizinhas, motivou pesquisadores do Museu do Instituto Emílio Goeldi, em Belém, a montar uma expedição científica nos seringais do Acre. Não buscavam o mapinguari, mas uma preguiça arqueológica gigante que poderia esconder a verdadeira face do exterminador. Uma idéia que, para muitos estudiosos do assunto, é quase tão absurda quanto a existência do “monstro”.

O mapinguari é uma velha máquina de matar que assombra índios e seringueiros do Acre, Amazonas e Pará. Parece ter mil e uma identidades. Uns o descrevem como uma espécie de demônio peludo, com longos cabelos e bocarra descomunal, invariavelmente manchada de sangue humano. Outros, como um duende que tem um único olho plantado no meio da testa e os pés virados para trás — daí o nome mapinguari, possivelmente uma contração de mbaé-pi-guari (“a coisa que tem o pé ao avesso”). Trata-se, sem dúvida, de uma das figuras mais populares da mitologia da região.

Há quem sustente que por trás deste “monstro” esteja uma preguiça gigante, que se acreditava extinta há 8,5 mil anos. Há três anos, é bom lembrar, apareceram informações de que o mesmo personagem estava devorando índios e seringueiros do município de Manoel Urbano, a 600 quilômetros de Rio Branco. Na ocasião, o paleontólogo Alceu Ranzi, da Universidade Federal do Acre, organizou uma expedição de busca, mas não obteve sucesso no seu intento de encontrar o monstro — preguiça ou não — e esclarecer o mistério. Se a hipótese de o mapinguari ser uma preguiça faz pouco sentido para



OSWALDO MARICATO

LINA ALBUQUERQUE MAURO, jornalista, natural de Brotas, SP, 30 anos, trabalhou nos principais jornais de São Paulo e do Rio; atualmente é free-lancer

os índios, ela igualmente não se sustenta na opinião de muitos estudiosos do folclore. “Preguiça anda devagar, não tem um olho no meio da testa e jamais corre atrás de alguém”, argumenta, com certa ironia, a antropóloga Julieta de Andrade, ex-diretora e fundadora da Escola de Folclore, em São Paulo. O antropólogo e historiador Mário Ypiranga Monteiro, professor-titular da Universidade do Amazonas e pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, também acha improvável a combinação preguiça-mapinguari. Ele não tem dúvida de que o mapinguari seja, na verdade, a mitificação de um urso de cor parda, apelidado de “urso de óculos”, por ter um círculo em volta dos olhos. Trata-se, segundo ele, de um animal geralmente inofensivo, comum em toda a floresta amazônica. Apreciador de mel, ele só ataca o homem quando está com muita fome. “A confusão com a preguiça se faz devido ao círculo ao redor dos olhos”, assegura Monteiro, que é autor do livro *História da Cultura Amazonense*. O folclorista Câmara Cascudo diz em sua obra que a lenda do mapinguari é recente e remonta ao início do povoamento e chegada dos primeiros seringueiros na Amazônia.

Ypiranga Monteiro, ao contrário, garante que esse personagem sempre foi falado na região. Segundo ele, os índios carafbas chegaram a informar Colombo sobre a existência de um monstro com um olho no meio da testa. Na região dos Andes, o mapinguari é conhecido por hucumari. Um ser fabuloso que devora a vítima com a sua enorme boca, aberta verticalmente, da altura do nariz até perto do umbigo. Ou rasgada até as orelhas, como o troá, outro variante do mapinguari da Chapada dos Guimarães.

As peculiaridades regionais do mapinguari não eliminam as suas características reconhecidamente universais no território dos personagens mitológicos. Como o seu conterrâneo curupira, outro protetor das matas, anda com os pés virados para trás. Tem um olho só, plantado bem no meio da testa, aliás como quase todos os seres fabulosos da antiguidade clássica e que deixaram rastros nas literaturas orais derivadas do latim. Parente, portanto, do ogre, do tártaro das histórias francesas e dos olharapos e olhapins das portuguesas, como comparou Cascudo. Ou como chama a atenção a profa. de Literatura Oral da PUC-SP, Jerusa Pires Ferreira, dos ciclopes, gigantes da mitologia grega, que também traziam um único olho no centro da testa. Em *Odisséia*, Ulisses só conseguiu derrotar Polifemo, o mais importante dos ciclopes, depois de vazar-lhe o característico olho. Caso a crença do povo guiasse as expedições de busca ao mapinguari, as pistas do folclore seriam seguidas à risca. Uma pista importante: as pegadas do “monstro” são de fato enganadoras. O mapinguari tem o pé torto e virado ao avesso. O seu rastro indica a direção oposta ao seu rumo verdadeiro. Além disso, na hora de abatê-lo, é preciso mirar o único ponto vulnerável do seu corpo: o umbigo, lugar clássico para matar monstros. Os grandes pêlos protegem o mapinguari de bala ou de flecha, exceto na parte correspondente ao umbigo. Levando-se em conta tantas características mapeadas pelo folclore, é bem provável que o mapinguari nunca seja definitivamente “descoberto” na pele de algum animal. E resista como um poderoso mito na penumbra amazônica. ■